

COMPETITIVIDADE TURÍSTICA: IMPACTOS NO POSICIONAMENTO E NA PRODUÇÃO TURÍSTICA¹

Thays Cristina Domareski Ruiz
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
thaysdomareski@gmail.com

Adriana Fumi Chim Miki
Universidad de Las Palmas de Gran Canaria - ULPGC
adriana.chimmiki@gmail.com

Francisco Antonio Dos Anjos
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
anjos@univali.br

RESUMO

O foco central desta pesquisa exploratório-descritiva foi realizar uma análise prévia da existência da relação entre a posição do país no ranking TTCI (Tourism & Travel Competitiveness Index) e a sua produção turística, no que tange as variáveis que impactam sobre a população, as empresas e o setor público. O objetivo era verificar se estes índices demonstram uma visível relação de causa-efeito com a produção do setor. Os resultados para os 10 países americanos mais competitivos mostrou que a pontuação do ranking TTCI não serviu para indicar o panorama de crescimento da produção turística. Por outro lado, o posicionamento competitivo que o TTCI frente ao contexto mundial foi um índice corroborado pelos indicadores econômicos de produtividade. Na maioria dos países analisados ao subir de posicionamento competitivo houve uma maior geração de empregos, melhoras no PIB turístico e maior gasto do turista estrangeiro no país. A principal implicação dos resultados deste trabalho é ressaltar o caráter relativo do construto competitividade permitindo uma melhor compreensão do uso destes monitores mundiais para os decisores políticos e empresariais.

PALAVRAS-CHAVE: Competitividade Turística; Travel & Tourism Competitiveness Index; Potencial Competitivo; Posicionamento; Produção Turística.

¹ Recepção: 03/03/2017.

Aprovação: 12/05/2017.

Publicação: 30/06/2017.

TOURISM COMPETITIVENESS: IMPACTS ON TOURISM POSITIONING AND PRODUCTION

ABSTRACT

The main focus of this exploratory-descriptive research was to carry out a prior analysis on the relation between the Tourism & Travel Competitiveness Index (TTCI) ranking country's position and its tourism production, as regards the variables that impact on the population, companies and public sector. The objective was to verify if these indices show a visible cause-effect process with the production of the sector. Based in the analysis of the 10 most competitive American countries, the results showed that the TTCI ranking did not indicate the growth panorama of tourism production in those destinations. On the other hand, the competitive positioning of the country in comparison of the rest of world confirms the economic indicators of productivity. In the majority of the countries analyzed, when there was an increased their competitive position, also there was a greater generation of jobs, improvements in tourism GDP and greater spending of foreign tourists in the country. The main implication of the research results was to emphasize the relative character of the competitiveness construct, allowing a better understanding of the use of these global monitors for the political and business decision makers.

KEYWORDS: Tourism Competitiveness; Travel & Tourism Competitiveness Index; Competitive Potential; Positioning; Tourism Production.

1. Introdução

Competitividade é um conceito que vem sendo estudado há muitos anos em diferentes perspectivas e áreas do conhecimento (MEDINA-MUÑOZ et al., 2013). Inicialmente analisada como competição ou concorrência baseado em estudos da teoria econômica que tentava explicar a diferença de desenvolvimento entre nações e regiões. Duas correntes analíticas se formaram, uma delas considerou a concorrência (competição) de forma estática, ou seja, estudada como resultado de um processo, enquanto que a outra corrente estudou o processo de competição em si mesmo (HAYEK, 1949).

As pesquisas seguiram um caminho evolutivo desde a teoria econômica em Adam Smith (1776) até a ‘era Porteriana’ que consagrou os estudos de concorrência em uma teoria da competitividade. Em Porter, a competitividade em nível micro é entre empresas, e em nível macro é entre países/regiões ou mercados e são as vantagens competitivas que fazem a grande diferença no processo, ou seja, as vantagens que diferenciam os concorrentes de forma superior e estratégica. Dentro da visão porteriana a produtividade é o único conceito importante para uma nação, pois é o resultado direto da competitividade.

Mesmo que as mais recentes tendências e perspectivas tenham o foco na sustentabilidade e na qualidade de vida, praticamente todos os modelos e propostas possuem uma base teórica que se estrutura a partir dos estudos porterianos. Assim, competitividade é a habilidade de um país criar, produzir e distribuir produtos ou serviços no comércio internacional obtendo ganhos crescentes pelos seus recursos (SCOTT; LODGE, 1985). É nesta visão, por exemplo, que o *Global Competitiveness Index* (WEF, 2013) se encontra, considerando “[...] a competitividade é o conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de um país, que em sua vez, estabelece o nível de prosperidade que pode alcançar uma economia. Assim, o conceito de competitividade implica em componentes estáticos e dinâmicos” (GCI, 2013, pag.4).

Na literatura acadêmica e relacionada à estratégia proliferou uma série de estudos propondo modelos para medir a competitividade, de forma geral ou setorial. Especificamente no setor de turismo, o conceito mais amplo e conhecido, bem como modelo, foi criado por Ritchie e Crouch (1999; 2003). Estes autores também derivaram suas proposições a partir de Porter, estabelecendo um modelo de competitividade turística que com uma série de determinantes e variáveis que expressam as vantagens comparativas e competitivas para desenvolver este setor. Buscando a praticidade de informações sistematizadas, o WEF criou o *Travel Tourism Competitiveness Index* (TTCI), numa tentativa de fazer um ranking da competitividade turística dos países, para fornecer informações que ajudem a potencializar os benefícios econômicos e sociais do turismo (DOMARESKI, 2011).

No entanto, a proliferação de trabalhos, mais a dimensionalidade do constructo competitividade, levaram a uma diversidade de enfoques e uma falta de padronização de métodos e uma dissociação entre o conceito de competitividade e produtividade (CHIM-MIKI et al., 2016; CROES, 2012). Em virtude disto, o constructo competitividade é considerado “problemático” (CROES; KUBICKOVA, 2013), já que devido a sua multidimensionalidade várias são as formas que pode ser expresso ou medido (PORTER, 1990; CROUCH; RITCHIE, 1999). Além disso, parece haver tido uma perda do foco principal, em que a utilidade da competitividade é ser mais produtivo e obter melhor *market-shared* do que os outros concorrentes, para gerar melhores condições econômicas e sociais ao cidadão

(DWYER; KIM, 2003; VIANNA, 2011). Assim, competitividade não é um fim em si mesmo, mas um meio para obter um fim (NEWALL, 1992) é um conceito relativo (RITCHIE; CROUCH, 2003) e tem primordial relação com a produção.

Tratando-se do setor turístico, sendo o destino uma unidade de análise, a produção pode ser vista desde vários indicadores, entre eles, o fluxo turístico, número de empregos, contribuição ao PIB nacional, gasto turístico, entre outros. Os indicadores de melhorias da qualidade de vida seriam a medida ideal, mas são mais difíceis de medir e raros países possuem indicadores atualizados ou índices agregados que expressem o construto qualidade de vida.

Considerando o anteriormente exposto, buscou-se esclarecer uma questão que gera dúvidas no uso dos rankings de competitividade turística, ou seja, da sua medida através de monitores. A pontuação da competitividade turística calculada pelo TTCI demonstra uma relação de causa-efeito com a produção do setor?

Para responder esta questão, que pressupõe que uma melhor competitividade gera maior produção no setor, se realizou-se uma análise exploratória da variação dos índices de competitividade, de posicionamento competitivo e de produção turística dos 10 países mais competitivos do continente americano segundo o *Travel & Tourism Competitiveness Index* (TTCI, 2015) e alguns indicadores de produção turística, especificamente a contribuição do setor turístico aos níveis de empregos totais, ao PIB nacional, o gasto do turista estrangeiro no país e a variação do investimento no setor.

A principal implicação desta pesquisa é ampliar o foco sobre a relatividade do construto competitividade para destacar que análises individuais são estudos de atributos de um destino/região ou país, pois análises de competitividade necessitam comparação e reconhecimento das variáveis de resultado, ou seja, efetiva produção.

2. Fundamentação Teórica

Adam Smith (1776) reconheceu a competição ou concorrência no mercado como um processo ativo, considerando que a riqueza das nações é resultado da ação conjunta de indivíduos que, movidos por interesses próprios, promovem o crescimento econômico e a inovação tecnológica. A teoria clássica de Smith (1776) criou as vantagens absolutas, em que a competitividade era derivada da capacidade de um país especializar-se na produção de um bem utilizando menos trabalho, portanto, tendo vantagens em custos absolutos. David Ricardo evoluiu esta teoria definindo as vantagens comparativas, onde a nação deveria especializar-se em exportar os produtos em que consegue ser mais eficiente, ou seja, naqueles que investe menos recursos.

Mas, a criação de um moderno paradigma da competitividade se consagrou em Porter, com as vantagens competitivas em que a competitividade é explicada considerando o ambiente de alta diferenciação tecnológica com mobilidade de mão-de-obra e informação. Este autor vinculou o caráter espacial à teoria da competitividade, definiu o modelo de 5 forças competitivas, o modelo Diamante de Porter, consagrando definitivamente este conceito (PORTER, 1980).

A replicação deste conceito ao setor turístico transformou a competitividade turística na capacidade de um destino turístico de agregar valor e assim, aumentar a riqueza através da gestão de bens e processos, fazendo a integração destes sob um modelo econômico e social

que considere o capital humano do destino e sua preservação para as futuras gerações (RITCHIE; CROUCH, 2003). Assim, as instituições mundiais de monitoramento da competitividade buscam acompanhar o conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam a produtividade de um país chamando este conjunto de competitividade (WEF, 2015), mas desvinculando-a do monitoramento da produção.

O termo competitividade é muitas vezes utilizado de forma equivocada ou incompleta em artigos ou discursos (WAHHEEDUZZAMAN; RYANS, 1996), fato comum em conceitos que saem do mundo acadêmico e tem um rápido acolhimento pelos profissionais da indústria, políticos, mídia e cidadãos (ALVES; FERREIRA, 2009), ou seja, não manteve uma satisfatória explicação do respectivo conteúdo em termos teóricos ou operacionais (MATEUS, 2005).

Além disso, é um conceito multidimensional e latente, ou seja, não permite medidas diretas, devendo ser verificado através de uma série de indicadores, que irão variar segundo a perspectiva teórico-empírica utilizada. A maioria dos modelos utilizam variáveis quantitativas e qualitativas, sendo o foco mais usual a partir da perspectiva da oferta (por exemplo, o TTCI; ESTUDO DE COMPETITIVIDADE DOS 65 DESTINOS INDUTORES), mas também pode ser verificada pela perspectiva da demanda (KOZAK, 2001; TABERNER, 2007). Simplificando, são verificadas variáveis agrupadas em vantagens comparativas e competitivas que proporcionam um panorama geral do potencial competitivo de uma região ou país competir no mercado de um determinado setor. Estas medidas são índices agregados e complexos que exigem esforço para sua elaboração, assim como seu construto (CLAVER CORTÉS; MOLINA AZORÍN; PEREIRA MOLINER, 2007; CRACOLICI; NIJKAMP, 2009).

Apesar de que desde Porter vem crescendo a atenção dos pesquisadores sobre a temática de competitividade, ainda não há um consenso sobre uma padronização de indicadores, nem dos níveis mínimos aceitáveis. Mas é consensual que é um conceito relativo, exigindo comparação com outros mercados para sua validade (SPENCE; HAZARD, 1988; PORTER, 1990; RITCHIE, CROUCH; HUDSON, 2001; RITCHIE; CROUCH, 2003).

Para o setor do turismo, o conjunto de indicadores que monitoram a competitividade de um destino podem ser vistos como dimensões, são indicadores dos pontos fortes e fracos de um destino comparativamente a outro, são na realidade, a representação do potencial competitivo. No entanto, por herança porteriana, os modelos de competitividade turística têm sido tratados desde uma premissa de causa e efeito, assim, considera-se que o potencial competitivo se transformará em habilidades e resultados (CROES; KUBICKOVA, 2013). Isso significa que uma boa infraestrutura, clima, recursos naturais, culturais, estabilidade econômica e política, etc, são geradores de um bom fluxo turístico.

No entanto, alguns fatos observáveis colocam em cheque esta premissa de causa-efeito. Por exemplo, existem países que estão entre os 10 que mais recebem turistas no mundo, mas não estão na lista dos mais competitivos do mundo pelo ranking do TTCI. Estas observações e outros pressupostos teóricos tem trazido de volta a discussão base da economia, que considera a produtividade como parte da competitividade, pois ser competitivo no mercado é basicamente produzir mais e melhor que algum outro *player*. No caso de nações, ainda deve gerar melhores benefícios à população local, utilizando da melhor forma o conjunto produtivo do país (FAJNZLBER, 1998).

O anteriormente exposto remete a base conceitual da competitividade turística e seus monitores a medidas potenciais da competitividade (D'HARTSERRE, 2000; HASSAN, 2000; HONG, 2009 e outros) já que a maioria deles não inclui variáveis que indiquem produção, portanto, não possibilitam a medida efetiva da competitividade. Croes (2006, 2012) é um autor que vem discutindo estas questões e com base em suas aportações pode-se considerar insuficiente a medida de competitividade fornecida pelos organismos mundiais e nacionais. Um recente trabalho deste autor, afirma que a competitividade deve estar atrelada a um expressivo aumento das receitas do turismo e da qualidade de vida (CROES; KUBICKOVA, 2013), neste sentido, se indica analisar indicadores que impactem no cidadão, como o aumento do nível de empregos no setor, o aumento de receitas do turismo, entre outros.

Do ponto de vista empresarial, a produção está vinculada a quantidade de produto colocado no mercado, portanto, também se vincula ao desempenho. Para o destino turístico como a unidade de análise, é possível adaptar esta visão ao resultado do destino, em termos de seu rendimento, o qual pode ser verificado por medidas de êxito financeiro ou não financeiro. Neste sentido, a produção do destino turístico na literatura encontra associação com número de hotéis ou capacidade de alojamento (DELLA CORTE; ARIA, 2016), intensidade de investimento no destino (ASSAF; TISONAS, 2015), fluxo turístico (BARROS et al., 2011), número de empregos no turismo (DWYER; KIM, 2003) e outros.

3. Metodologia

Considerando que este estudo é uma pesquisa preliminar para subsidiar hipóteses futuras relacionadas à relação entre produtividade e competitividade, se optou por uma abordagem qualitativa de cunho exploratório-descritivo, pois segundo Malhotra (2001) possibilita melhor compreensão do problema estudado. A pesquisa qualitativa é muito utilizada para as fases iniciais de estudo, proporcionando ao pesquisador uma maior familiaridade com o problema em estudo (MALHOTRA, 2001), especialmente para analisar o fenômeno turístico.

O quadro evolutivo dos países analisados permite a apreensão e registro de fatos e fenômenos identificados na realidade dos mercados, assim através dos dados secundários utilizados se identificou o problema e se formulou a concepção da pesquisa (LIMA, 2004; MALHOTRA, 2006). A amostra foi intencional e incluem os 10 países americanos mais competitivos em turismo pelo ranking do *Travel & Tourism Competitiveness Index* (TTCI, 2015), a saber: Estados Unidos, Canadá, Brasil, México, Panamá, Costa Rica, Barbados, Chile, Porto Rico e Argentina. Os dados são de fontes secundárias, disponíveis por dois organismos internacionais: *World Economic Forum* (WEF) e *World Tourism Travel Council* (WTTC).

Basicamente se realizou uma revisão bibliográfica seguida de uma análise exploratória longitudinal dos seguintes indicadores: (1) variação do Índice de competitividade turística – TTCI entre 2009 a 2015; (2) variação do número de empregos turísticos dos últimos cinco anos; (3) variação da participação do turismo no PIB do país entre 2010 a 2015; (4) variação do gasto do turista internacional no país entre 2010 a 2015; e, (5) variação do investimento no setor turístico nos últimos cinco anos. O cenário formado pela variação dos índices analisados e o cruzamento com as bases teóricas possibilitou traçar considerações finais sobre esta temática.

O *Travel & Tourism Competitiveness Index* (TTCI) é um relatório de competitividade do setor turístico publicado bianualmente e de livre acesso. Trata-se de um índice agregado calculado por médias não ponderadas seguindo uma metodologia que permite a comparação entre diversos países. Composto de 13 pilares que congregam 90 variáveis realiza o monitoramento de 141 países desde o ano de 2007. O objetivo inicial deste índice foi medir os fatores que tornam um país atrativo para o investimento e desenvolvimento do setor de viagens e turismo (WEF, 2007). Com o decorrer de seu uso e na falta de outros índices mais específicos este ranking tem sido considerado um índice da competitividade turística de um país frente a outro. O relatório do TTCI também agrupa os países por continentes mostrando a posição relativa frente ao contexto regional e mundial. A Tabela 1 mostra detalhadamente os pilares e variáveis do TTCI. As variáveis do TTCI são calculadas a partir de dados coletados nos países por fontes estatísticas secundárias e por entrevistas com empresários e representantes do turismo (questionário de percepção), assim este índice é calculado pela perspectiva da oferta.

Tabela 1: Pilares e variáveis do *Travel & Tourism Competitiveness Index* (TTCI)

Pilares do TTCI (Base 2015)	Variáveis
Ambiente de negócios	Direitos de propriedade Impacto das regras sobre o investimento direto estrangeiro Eficiência do enquadramento jurídico na resolução de litígios Eficiência do quadro jurídico em regulamentos desafiadores Tempo necessário para lidar com licenças de construção Custo para lidar com as licenças de construção Extensão da posição dominante no mercado Tempo necessário para iniciar um negócio Custo para iniciar um negócio Extensão e efeito da tributação sobre incentivos ao trabalho Extensão e efeito da tributação sobre os incentivos ao investimento Taxa total de imposto
Proteção e segurança	Custos empresariais do crime e da violência Confiabilidade dos serviços policiais Custos empresariais do terrorismo Índice de incidência de terrorismo Taxa de homicídio
Saúde e higiene	Densidade de médicos Acesso a saneamento melhorado Acesso a água potável Leitos de hospital Prevalência do HIV Incidência de malária
Recursos Humanos e Mercado de Trabalho	Taxa de matrícula na educação primária Taxa de matrícula no ensino médio Extensão da formação dos trabalhadores Tratamento de clientes Práticas de contratação e demissão Facilidade de encontrar funcionários qualificados Facilidade de contratação de mão-de-obra estrangeira Pagamento e produtividade Participação feminina na força de trabalho

Preparação em TIC	<p>Uso de TIC para transações B2B (empresa a empresa) Uso da Internet para transações B2C (empresas a consumidores) Indivíduos que utilizam a Internet Assinantes da Internet de banda larga Assinaturas de telefones móveis Assinaturas de banda larga móvel Cobertura de rede móvel Qualidade do fornecimento de electricidade</p>
Priorização de Viagens e Turismo	<p>Priorização governamental da indústria de Viagens e Turismo Despesas públicas de Viagens e Turismo Eficácia do marketing para atrair turistas Abrangência dos dados anuais sobre Viagens e Turismo Capacidade de fornecer dados mensais/trimensais do setor de Viagens e Turismo Classificação da estratégia de marca do país</p>
Abertura Internacional	<p>Requisitos de visto Abertura dos acordos bilaterais de serviços aéreos Número de acordos comerciais regionais em vigor</p>
Competitividade de preços	<p>Impostos e taxas aeroportuárias Índice de preços de hotéis Paridade de poder de compra Níveis de preço do combustível</p>
Sustentabilidade ambiental	<p>Regulamentações ambientais Aplicação de regulamentos ambientais Sustentabilidade do desenvolvimento da indústria de viagens e turismo Concentração de matéria particulada no ar (2,5) Número de ratificações de tratados ambientais Linha de base do estresse hídrico Espécies ameaçadas Mudança da cobertura florestal Tratamento de água poluída Pressão de pesca na prateleira costeira</p>
Infraestrutura de transporte aéreo	<p>Qualidade da infraestrutura de transporte aéreo Assentos disponíveis por quilômetro (doméstico) Assentos disponíveis por quilômetro (internacional) Partidas das aeronaves Densidade de aeroportos Número de companhias aéreas operando</p>
Infraestrutura de transporte terrestre e portuária	<p>Qualidade das estradas Qualidade da infraestrutura ferroviária Qualidade da infraestrutura portuária Qualidade da rede de transportes terrestres Densidade de estradas de ferro Densidade de estradas Densidade de estradas pavimentadas</p>
Infraestrutura de serviços turísticos	<p>Quartos de hotel Extensão de viagens de negócios recomendado Presença de grandes empresas de aluguel de automóveis ATMs que aceitam cartões Visa</p>
Recursos naturais	<p>Número de sítios naturais do Patrimônio Mundial Total de espécies conhecidas Total de áreas protegidas Demanda digital de turismo natural Qualidade do ambiente natural</p>
Recursos culturais e	<p>Número de sítios culturais do Patrimônio Mundial</p>

viagens de negócios	Número de expressões do Patrimônio cultural oral e imaterial Número de estádios esportivos Número de reuniões de associações internacionais Demanda digital de turismo cultural e de entretenimento
----------------------------	--

Fonte: Elaboração própria a partir do TTCI (2015)

4. Resultados

A Tabela 2 mostra o índice TTCI para os 10 países da amostra selecionada, que são os mais competitivos no setor do turismo no continente americano segundo este ranking. Salienta-se que recentemente o TTCI sofreu alterações no número e agrupamento de variáveis, por este motivo a Tabela 2 apresenta duas variações: entre 2009 a 2015 e 2009 a 2013, evitando-se visualizar evoluções ou involuções que possam ser decorrentes da mudança metodológica do índice.

Pode-se observar a pontuação anual e a variação entre 2009 a 2015, a qual na maioria dos casos foi negativa, o que representa uma perda de capacidade competitiva frente aos outros 141 países monitorados. Brasil, México e Panamá, considerando o ranking de 2015, apresentaram ganhos de competitividade apesar de que até 2013 vinham acumulando perdas. No entanto, o Canadá que era o único país com ganhos de competitividade entre 2009-2013, teve brusca queda em 2015, fechando o período como o terceiro país em perda de competitividade turística no Top10 das Américas.

Tabela 2: Variação do Índice de Competitividade turística entre 2009-2015

TTCI	2015	2013	2011	2009	Varição 2009-2015	Varição 2009-2013
Estados Unidos	5,12	5,32	5,30	5,28	-3,03%	-0,76%
Canadá	4,92	5,28	5,29	5,32	-7,52%	0,75%
Brasil	4,37	4,37	4,36	4,35	0,46%	-0,46%
México	4,36	4,46	4,43	4,29	1,63%	-3,96%
Panamá	4,28	4,54	4,30	4,23	1,18%	-7,33%
Costa Rica	4,10	4,44	4,43	4,42	-7,24%	-0,45%
Barbados	4,08	4,88	4,87	4,77	-14,47%	-2,31%
Chile	4,04	4,29	4,27	4,18	-3,35%	-2,63%
Porto Rico	3,91	4,36	4,42	4,27	-8,43%	-2,11%
Argentina	3,90	4,17	4,20	4,08	-4,41%	-2,21%

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do TTCI (2009 a 2015)

Na fundamentação teórica anteriormente exposta se destacaram as características do constructo competitividade, sua multidimensionalidade, complexidade e especialmente seu caráter relativo. Assim, a observação da posição relativa do país no grupo americano, que também é umas das perspectivas observáveis pelo TTCI, mostra este caráter de relatividade (Tabela 3).

Decorre, pois, que ao cruzar estes dois cálculos de variações evolutivas (Tabela 2 e 3) verifica-se que apesar da maioria dos países ter perdido capacidade de competitividade turística, como se observou na Tabela 1, ainda assim ganharam posicionamento competitivo

(Tabela 3). Portanto, competitividade não pode ser considerada um sinônimo de posicionamento para o TTCI. Resulta que individualmente o país perdeu pontuação no ranking, mas outros países perderam ainda mais, assim, no ranking geral das 141 economias monitoradas ocorreram ascensões na posição competitiva mesmo de países com quedas na pontuação das variáveis.

Tabela 3: Variação posicionamento competitivo no turismo entre 2009-2015

TTCI	2015	2013	2011	2009	Variação 2009-2015	Variação 2009-2013
Estados Unidos	4	6	6	8	50,00%	25,00%
Canadá	10	8	9	5	-100,00%	-60,00%
Brasil	28	51	52	45	37,78%	-13,33%
México	30	44	43	51	41,18%	13,73%
Panamá	34	37	56	55	38,18%	32,73%
Costa Rica	42	47	44	42	0,00%	-11,90%
Barbados	46	27	28	30	-53,33%	10,00%
Chile	51	56	57	57	10,53%	1,75%
Porto Rico	55	52	45	53	-3,77%	1,89%
Argentina	57	61,00	60	65	12,31%	6,15%

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do TTCI (2009 a 2015)

O grupo analisado galgou posições competitivas mesmo com queda de capacidade competitiva, exceto o Canadá, Barbados e Porto Rico que tiveram quedas ao longo deste período. O Canadá apresentou uma queda progressiva entre 2009-2015, acumulando a perda de cinco posições (de 5ª lugar para 10ª). Enquanto Barbados e Porto Rico eram países que vinham ganhando posicionamento entre 2009 a 2013, mas no último ano, 2015, apresentaram queda brusca (Tabela 3).

No entanto, é preciso considerar que alteração de cálculo do TTCI entre 2013-2015 gerou mudanças substanciais nas posições competitivas, mas que não necessariamente significa ganhos reais de posicionamento competitivo (Tabela 3). Um claro exemplo disto é o caso brasileiro, que entre 2009 - 2013 vinha perdendo posicionamento competitivo, e com a mudança de cálculo do monitor subiu da posição 51 (2013) a posição 28 (2015). Parte disto pode ter sido ocasionada por melhorias de infraestrutura, que foram realizadas para receber os megaeventos previstos na agenda nacional (Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016), porém, grande parte desta alteração de posição foi ocasionada pelas mudanças estruturais na metodologia do TTCI.

Os indicadores econômicos considerados para verificar a produção no turismo buscaram um foco amplo, cujo impacto ocasionasse ganhos para as empresas, população e governo e tivessem dados disponíveis pelo menos nos últimos cinco anos. Assim, foram selecionados:

- ✓ Variação da geração de empregos no setor: Número de empregos gerados diretamente no setor de viagens e turismo;
- ✓ Variação do PIB do setor: Contribuição do turismo ao PIB nacional (PIB turístico);
- ✓ Variação do gasto médio do turista internacional no país;

- ✓ Variação do investimento no setor: Investimento de capital realizado por todos os setores ou indústrias envolvidas no setor de viagens e turismo.

A Tabela 4 mostra que, com exceção do Canadá, todos os países deste grupo tiveram crescimento no número de empregos no turismo nos últimos cinco anos. Isto indica uma possível relação positiva entre o crescimento na posição competitiva e o total de empregos no setor, que se confirma mesmo quando o país perdeu competitividade em termos do índice geral. No entanto, nesta amostra esta não é uma relação direta e pacífica. Se observarmos o Panamá, houve um grande crescimento no posicionamento competitivo e na contribuição ao nível de empregos, porém, o Chile teve uma variação de posição competitiva muito pequena (subiu 6 posições correspondendo a variação de 1,75%), mas sua contribuição ao nível de empregos no país foi elevada no período analisado (23,13%).

Mais uma vez, as características do constructo competitividade são visíveis na sua medida (RITCHIE; CROUCH, 2003). Desta vez, a complexidade e multidimensionalidade acentuam sua relatividade. Assim, embora que o número de empregos no setor turístico tenha crescido em cada país, ocorrem situações em que outros setores econômicos do país também cresceram, gerando uma dispersão da contribuição do setor turístico ao total de empregos no país. Portanto, aqui se verifica que a relatividade da competitividade é em relação aos outros setores econômicos e produtivos do país, evidenciando ainda mais a importância de análises comparativas para o estudo da competitividade.

Tabela 4: Variação da contribuição do setor turístico ao emprego total do país entre 2011-2015

Contribuição total para o Emprego (em milhões)	2011	2012	2013	2014	2015	Variação 2011-2015
Estados Unidos	13056,9	13069,3	13611,9	13972,9	14247,9	8,36%
Canada	1465,95	1493,66	1504,17	1514,77	1443,6	-1,55%
Brasil	6421,2	6556,99	6702,09	7228,95	7342,43	12,55%
México	7294,38	7354,78	7573,85	7665,57	7985,63	8,66%
Panamá	204,704	245,391	270,945	301,198	329,527	37,88%
Costa Rica	222,645	219,87	218,357	246,067	256,681	13,26%
Barbados	46,1209	41,5915	44,03	47,9294	49,6449	7,10%
Chile	602,343	576,065	685,009	737,766	783,578	23,13%
Puerto Rico	55,6425	58,6419	60,5576	61,0211	59,745	6,87%
Argentina	649,32	630,647	654,982	660,272	671,769	3,34%

Fonte: Elaboração própria baseado em dados do WTTC Database

Na análise da evolução do PIB turístico frente à contribuição ao PIB nacional o Panamá se destacou, pois praticamente o setor dobrou sua contribuição ao PIB do país (Tabela 5). No geral, os dez países mostram crescimento na participação do turismo nas economias nacionais nestes últimos cinco anos, o que também é um indício de uma relação positiva entre posicionamento turístico e geração de PIB, mesmo em casos que não há relação positiva entre a evolução do ranking de competitividade do país e o PIB turístico. Além disso, demonstra que o turismo é uma atividade econômica crescente dentro do conjunto produtivo-

econômico destes países. O Chile novamente se mostra como um ponto isolado, pois apesar de seu baixo ganho competitivo no setor, relativamente aos outros 141 países monitorados pelo TTCI, o setor turístico apresentou uma significativa melhora na contribuição ao PIB nacional, indicando que esta atividade está ganhando destaque frente a outras que são desenvolvidas no país.

Tabela 5: Variação da contribuição do setor turístico ao Produto Interno Bruto (PIB) do país entre 2011-2015

Contribuição ao PIB (em bilhões de US\$)	2011	2012	2013	2014	2015	Variação 2011-2015
Estados Unidos	1296,91	1333,63	1383,44	1430,81	1469,85	13,33%
Canadá	88,452	91,0078	93,1397	96,0111	99,6009	12,60%
Brasil	137,41	139,632	143,914	152,806	152,015	10,63%
México	144,698	150,792	156,548	162,093	172,281	19,06%
Panamá	4,79862	5,98383	6,78475	7,72236	8,68897	81,07%
Costa Rica	5,47504	5,51908	5,55882	6,27545	6,50056	18,73%
Barbados	1,599	1,5554	1,6547	1,67661	1,74399	9,07%
Chile	17,6297	17,6569	21,2779	22,914	24,367	38,22%
Puerto Rico	6,14102	6,67995	6,93163	6,95779	7,03764	14,60%
Argentina	57,0231	55,3279	57,842	59,9116	61,1253	7,19%

Fonte: Elaboração própria baseado em dados do WTTC Database

Apesar de que muitos países tem registrado diminuição no gasto diário médio do turista, o grupo dos 10 países americanos mais competitivos em turismo manteve variação positiva no gasto do turista estrangeiro, a exceção da Argentina (Tabela 5). O gasto do turista parece não ter relação com a competitividade turística nem com o posicionamento, pois mesmo as economias que perderam posicionamento e competitividade apresentam aumento no gasto turístico no destino, como é o caso do Canadá. Vários fatores influem no gasto do turista, como o aumento de novas atrações, a variações cambiais, mudanças no perfil de turista que o país está atraindo, a oferta de modalidades de turismo que impacta nas motivações de viagens, etc. Apesar de que muitos dos fatores que influenciam na variação do gasto do turista estrangeiro no país são itens verificados nas variáveis que formam os pilares de competitividade do TTCI nem todos são incluídos. O gasto do turista é uma das variáveis de rendimento do construto competitividade, o que equivale a dizer que pode ser considerada uma variável de resultado. Portanto, uma relação de causa-efeito deve oferecer um panorama em que ao haver um ganho de posicionamento competitivo nestes países também se observa uma melhoria no nível de gastos do turista estrangeiro.

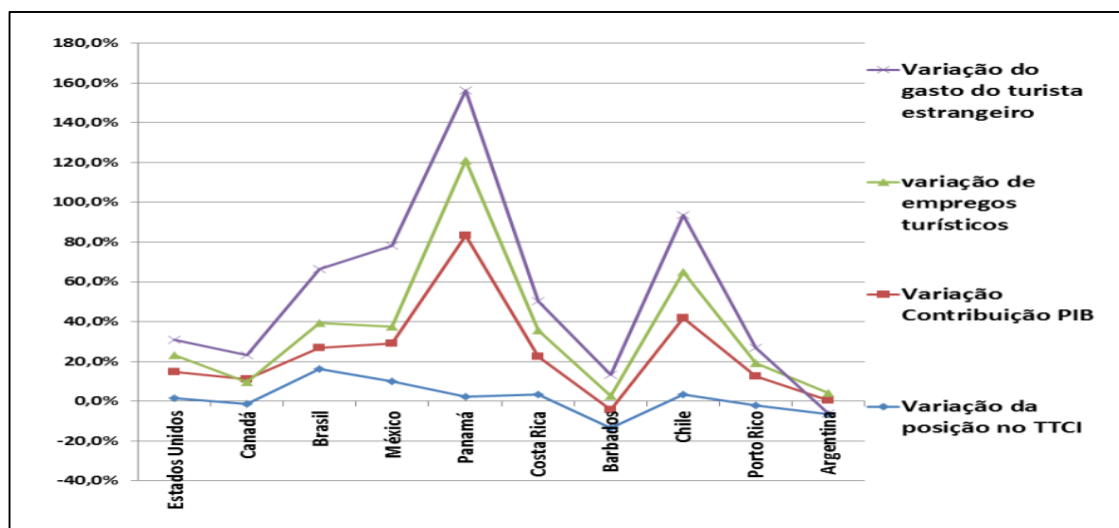
Tabela 6: Variação do gasto do turista estrangeiro no país entre 2011-2015

Gastos dos turistas estrangeiros (em bilhões de US\$)	2011	2012	2013	2014	2015	Variação 2011-2015
Estados Unidos	175,278	183,793	192,145	191,87	189,712	7,61%
Canadá	13,0356	13,1823	13,3335	13,8723	15,0553	13,42%
Brasil	4,39757	4,88987	5,1499	5,54774	6,02681	27,03%
México	10,9672	11,9644	12,2793	14,2863	18,4139	40,44%
Panamá	4,02439	4,86059	5,2949	5,53234	6,2137	35,23%
Costa Rica	2,44411	2,67328	2,46723	2,80124	2,87129	14,88%
Barbados	0,975304	0,970897	1,01317	1,04582	1,0931	10,78%
Chile	2,27888	2,5701	2,59343	2,82189	3,19066	28,58%
Puerto Rico	3,60933	3,65856	3,7963	3,82024	3,90445	7,56%
Argentina	5,8759	4,97453	4,44101	5,40936	5,3397	-10,04%

Fonte: Elaboração própria baseado em dados do WTTC Database

Um visão geral e comparativa da variação dos últimos 5 anos das três variáveis da produção turística selecionadas nesta pesquisa e do posicionamento competitivo dos países no contexto mundial para os 10 países pode ser visualizada no Gráfico 1. Observam-se que leves variações na posição competitiva do TTCI geraram grandes impactos nos outros indicadores, ou seja, no gasto do visitante internacional, número de empregos turísticos e contribuição ao PIB nacional.

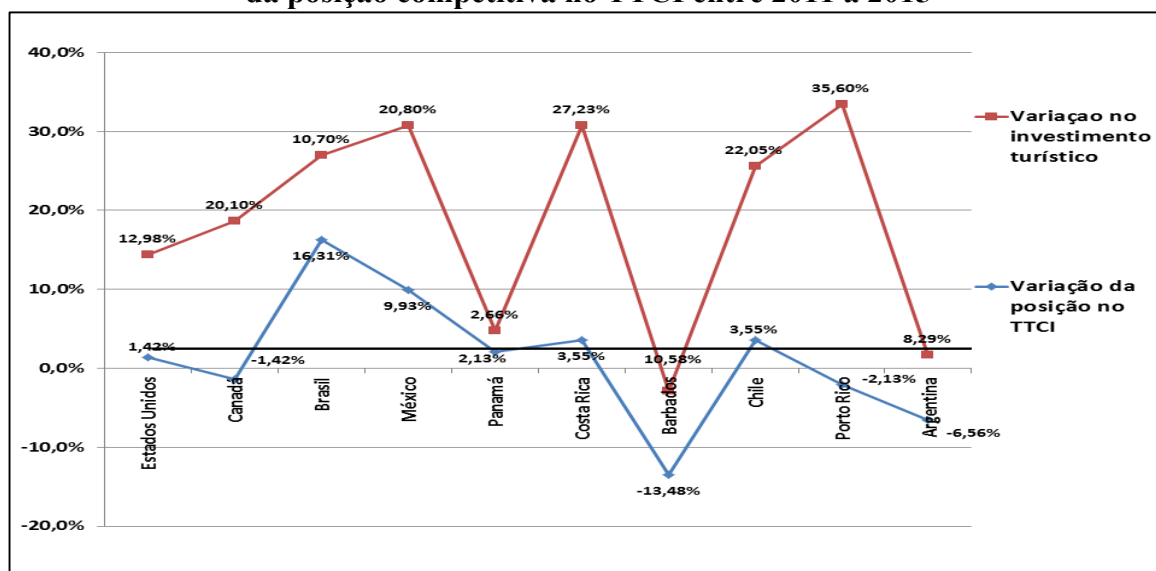
Gráfico 1: Variação dos 4 indicadores com os países americanos 2011-2015



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do TTCI (2011 a 2015)

É inegável que o investimento no setor influencia na melhoria da competitividade turística enquanto índice absoluto, já que o TTCI monitora variáveis de infraestrutura turística e geral. Mas a relatividade do construto competitividade se verifica novamente ao analisar este impacto. Um país pode ter feito um grande esforço de investimento para o turismo, e por causa-efeito isto impacta na sua competitividade turística. No entanto, se outros países também investiram e cresceram em competitividade absoluta, e no índice geral comparativo pode não haver mudança no resultado do ranking de competitividade. Nos países analisados neste trabalho este fato é facilmente observável, pois alguns deles tiveram variações positivas no seu nível de investimento no setor turístico, e ainda assim baixo reflexo na sua posição competitiva frente ao grupo geral de países monitorados por TTCI, por exemplo, o Chile, Canadá, Costa Rica e Porto Rico (Gráfico 2).

Gráfico 2: Comparação da variação do nível de investimento no turismo e da variação da posição competitiva no TTCI entre 2011 a 2015



Fonte: Elaboração própria baseado em dados do WTTC Database e TTCI

Os resultados desta análise exploratória apontam que é mais relevante utilizar o dado do TTCI de posicionamento competitivo do que o próprio índice de capacidade competitiva (ranking), pois devido à relatividade do construto competitividade, a posição relativa indica um ganho ou perda que reflete nos indicadores econômicos de produtividade do setor, enquanto que as variações do ranking não demonstram essa vinculação entre competitividade e a produção turística.

5. Considerações Finais

O foco central desta pesquisa exploratório-descritiva foi realizar uma análise prévia da existência de uma relação entre a pontuação do país no ranking TTCI e a produção no setor no que tange as variáveis que impactam sobre a população, as empresas e o setor público. O

objetivo era responder a questão: ‘A pontuação da competitividade turística calculada pelo TTCI demonstra uma relação de causa-efeito com a produção do setor?’ Através da análise da evolução do TTCI, tanto em termos do ranking como do posicionamento relativo dos países frente à variação do nível de empregos no setor, PIB turístico e gasto do turista internacional no país, se estabeleceu um quadro analítico prévio para futuros trabalhos quantitativos que poderão testar hipóteses sobre questões que tem sido motivo de debates acadêmicos.

Quando se estuda competitividade turística em termos macro, ou seja, focalizando o destino turístico como um produto integral está considerando-o como um conjunto de facilidades, mais ou menos competitivo, frente a outros destinos concorrentes (RITCHIE; CROUCH, 2000). A característica de relatividade do constructo competitividade destacada pelos pesquisadores (PORTER, 1989) é de fato o primordial atributo que os resultados desta análise ressaltam.

Os modelos de competitividade turística e monitores têm uma premissa de causa e efeito. Assim, eles consideram que o potencial competitivo será transformado em habilidades e resultados gerando, conseqüentemente, produtividade (CROES; KUBICKOVA, 2013). Pressupõe-se que uma melhor infraestrutura, clima, recursos naturais, etc. gerará um bom fluxo turístico. No entanto, essa relação pode não ocorrer porque outras variáveis atuam sobre o constructo. Apesar de que muitos são os fatores que influenciam na produção turística, esta pode ser expressa desde diferentes ângulos, é uma visão de senso comum pensar que ao aumentar a competitividade estaremos melhorando os níveis de emprego e renda gerados pelo setor. A competitividade e a produtividade turística tendem a trazer impactos no âmbito social, econômico e na imagem do país enquanto destino turístico. Esta constatação mais a crescente importância deste setor para as economias têm levado os países a se manter atento nos índices que fazem o monitoramento da competitividade turística, assim como, em alguns casos a criarem seus próprios monitores internos.

Embora, exista uma grande discussão a respeito da validade do monitoramento realizado em torno da competitividade (CROES, 2006), segundo os critérios adotados atualmente pela grande maioria de instituições internacionais e nacionais, se observou que estes índices agregados e multidimensionais podem gerar indícios que contribuem a uma visão geral do setor. No entanto, nos casos analisados a pontuação do ranking TTCI não serviu para indicar um panorama de crescimento da produção turística. Por outro, lado o posicionamento competitivo que o TTCI frente ao contexto mundial foi um índice corroborado pelos indicadores econômicos de produtividade. Na maioria dos países analisados ao subir de posicionamento competitivo houve mais geração de empregos, melhoras no PIB turístico e maior gasto do turista estrangeiro no país.

Os dados utilizados neste trabalho são secundários de fontes internacionais de renome que realizam o monitoramento do setor turístico a vários anos. Os dados do *World Travel & Tourism Council* (WTTC) e do *World Economic Forum* (WEF) são amplamente consultados pelos decisores políticos e empresariais. A análise dos dados secundários obtidos de WEF referente ao índice de competitividade turística dos países da amostra indicou uma queda na competitividade na maioria dos países deste grupo entre 2009 a 2015. No entanto, em termos do posicionamento competitivo frente ao grupo total de economias monitoradas por este instituto, houve variações positivas em praticamente todos os 10 países analisados. Isto indica que houve um crescimento relativo da competitividade turística nestes países.

Por outro lado, os dados extraídos do *World Travel & Tourism Council* (WTTC), que este trabalho apresenta, considerados como indicadores de produção turística, indicaram um quadro de crescimento do setor turístico, mesmo quando existiu perda da competitividade turística no país. A relação de causa-efeito entre posicionamento competitivo e os índices de produção analisados ficou bastante visível no Gráfico 1.

O TTCI considera as melhorias de infraestrutura geral e no setor, portanto é de se esperar que ao haver melhor investimento no setor, isto reflita em melhores rankings do TTCI. No entanto, devido a multidimensionalidade deste constructo se observa que os países apesar de terem aumentos no nível de investimento turístico apresentam evolução negativa na pontuação do ranking TTCI, conforme pode ser visto nas Tabelas 2 e 6. Mas novamente, a relação direta e positiva aparece quando tratamos de analisar a evolução do posicionamento competitivo do país frente ao contexto mundial, com exceção de alguns países que apesar de aumentarem seu investimento no setor turístico ainda perderam posições competitivas.

Dos resultados deste trabalho decorre como principal implicação a confirmação da constatação de que o conceito de competitividade não pode ser desvinculado de sua principal característica que é a relatividade (Dwyer; Kim, 2003). A Competitividade de um país ou destino isoladamente não existe, sendo neste caso um estudo de atributos, mas não de competitividade. Assim, é a própria metodologia de comparação que torna o conjunto de fatores estudados um índice que representa o potencial competitivo do destino. E dentro deste marco, a produção turística junto com a melhoria dos fatores de produção que se efetiva como competitividade real (Croes, 2012), gerando melhores condições a população local e desta forma atendendo ao conceito de competitividade na sua forma mais ampla (Ritchie; Crouch, 2003).

Os indicadores utilizados como produção turística poderiam ser outros, como fluxo turístico, dias de permanência no destino, etc. Assim como, os indicadores utilizados por TTCI para medir a capacidade competitiva poderiam ser diferentes, pois a multidimensionalidade do constructo competitividade permite uma série de perspectivas para sua análise (Spence; Hazard, 1988; Ritchie; Crouch; Hudson, 2001). Porém, é preciso esclarecer que uma medida é de produção e outra de potencial competitivo. Esta constatação é notória quando analisamos o total de indicadores utilizados para compor cada pilar do TTCI (ver Tabela 1), pois eles representam recursos e infraestrutura do país e, condições do contexto, social, econômico, ambiental e político. Somente dois indicadores podem ser associados a um tipo de medida de produção do setor, a saber: número de eventos que o país recebe e número de quartos de hotel. No entanto, estas medidas de produção não são suficientes para expressar o impacto econômico e social do setor ao país.

Assim, conclui-se que somente quando os monitores utilizarem simultaneamente – produtividade e fatores do potencial competitivo é que teremos uma real medida da competitividade turística. Por este motivo se indica como linha de investigação futura estudos para desenvolver modelos de competitividade que incluam nas suas variáveis o resultado da atividade turística e não somente os recursos para sua operação. Além disso, pesquisas com amostras maiores e uso de estatísticas multivariantes podem fornecer dados para generalização das constatações sugeridas por esta pesquisa exploratória.

Referências

FERREIRA, N. N.; ALVES, S. Medida da Competitividade do Destino Brasil: Uma aplicação do Índice de Competitividade Turística do WEF 2008. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 4, n. 2, 2009.

ASSAF, A. G.; TSIONAS, E. G. Incorporating destination quality into the measurement of tourism performance: A bayesian approach. **Tourism Management**, v. 49, p. 58-71, 2015.

BARROS, C. P.; BOTTI, L.; PEYPOCH, N.; ROBINOT, E.; SOLONANDRASANA, B. Performance of french destinations: Tourism attraction perspectives. **Tourism Management**, v.32, n.1, p.141-146, 2011.

CHIM-MIKI, A.F.; BATISTA-CANINO, R.M. & PINO MEDINA-BRITO. La Competitividad Nacional del Sector de Turismo: Una Comparación de la Medida Interna Vs la Medida Externa. **Revista Turydes: Turismo y Desarrollo**, v. 20 (junio 2016), p.1-20.

CLAVER-CORTÉS, E.; MOLINA-AZORÍN, J. F.; PEREIRA-MOLINER, J. The impact of strategic behaviours on hotel performance. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v.19, n.1, p. 6-20, 2007.

CRACOLICI, M. F.; NIJKAMP, P. The attractiveness and competitiveness of tourist destinations: A study of southern Italian regions. **Tourism Management**, v.30, n.3, p.336-344, 2009.

CROES, R. R. A paradigm shift to a new strategy for small island economies: Embracing demand side economics for value enhancement and long term economic stability. **Tourism Management**, v.27, n.3, p.453-465, 2006.

CROES, R. Assessing tourism development from Sen's capability approach. **Journal of Travel Research**, v.51, n.5, p. 542-554, 2012.

CROES, R.; KUBICKOVA, M. From potential to ability to compete: Towards a performance-based tourism competitiveness index. **Journal of Destination Marketing & Management**, v.2, n.3, p.146-154, 2013.

CROUCH, G. I.; RITCHIE, J. R. B. Tourism, Competitiveness, and Societal Prosperity. **Journal of Business Research**, v. 44, n. 3, p. 137-152, 1999.

DELLA CORTE, V.; ARIA, M. Coopetition and sustainable competitive advantage. the case of tourist destinations. **Tourism Management**, v. 54, p.524-540, 2016.

D'HARTESERRE, A. Lessons in managerial destination competitiveness in the case of Foxwoods Casino resort. **Tourism Management** v.21, n.1, p.23-32, 2000.

DOMARESKI, T. C. **A competitividade das destinações turísticas: O caso de Foz do Iguaçu (PR) Brasil**. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Universidade do Vale do Itajaí: Balneário Camboriú, 2011.

DWYER, L.; KIM, C. Destination Competitiveness: Determinants and Indicators. **Current Issues in Tourism**, v.6, n.5, 2003.

FAJNZYLBER, F. Competitividad internacional: evolución y lecciones. **Revista de la CEPAL**, v.36, 1988.

HASSAN, S. S. Determinants of market competitiveness in an environmentally sustainable tourism industry. **Journal of Travel Research**, v.38, n.3, 239-245, 2000.

HAYEK, F. A. **The meaning of competition**. En: Hayek, F.A. (ed). Individualism and Economic Order, (pp. 92-106). London: Routledge & Kegan Paul, 1949.

KOZAK, M. Repeaters' behavior at two distinct destinations. **Annals of Tourism Research** v.28, n.3, p. 784-807, 2001.

LIMA, M. C. **A Engenharia da Produção Acadêmica**. São Paulo: Saraiva, 2004.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3º Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MATEUS, A. Os Objectivos da Competitividade e da Coesão: as grandes questões conceptuais e metodológicas. **Relatório metodológico sobre a competitividade territorial e a coesão económica e social**, Cirius, Lisboa, p. 15-99, 2005.

MEDINA-MUÑOZ, D. R., MEDINA-MUÑOZ, R. D., & CHIM-MIKI, A. F. (2013). Tourism competitiveness assessment: The current status of research in Spain and China. **Tourism Economics**, v.19, n. 2, p.297-318, 2013.

NEWALL, J. E. The Challenge of Competitiveness. **Business quarterly**, v.56, n.4, p.94-100, 1992.

PORTER, M. **Competitive Strategy: Techniques for Analyzing Industry and Competitors**. New York: The Free Press, 1980.

PORTER, M. (Ed). **Vantagem Competitiva**. 18 ed., Campus, Rio de Janeiro, 1989.

PORTER, M. The competitive advantage of nations. Cambridge: **Harvard Business Review**, v.68, n.2, p.73-93, 1990.

RITCHIE, J. B.; CROUCH, G. I.; HUDSON, S. In Woodside A. G., Crouch G. I. and Ritchie J. B. (Eds.), **Consumer psychology of tourism, hospitality, and leisure**. Wallingford, UK: CABI Publishing, 2001.

RITCHIE, J. R. B.; CROUCH, G. I. The Competitive Destination: a sustainability perspective. **Tourism Management**, v. 21, no 1, p. 1-7, 2000.

RITCHIE, J.R. B.; CROUCH, G. I. **The competitive destination: A sustainability perspective**. University of Calgary: Canadá, 2003.

SCOTT B.; LODGE G. (eds.) **US Competitiveness and the World Economy**. Harvard Business School Press, Boston, 1985.

SMITH, A. **The wealth of nations**. London, 1776. Versão em Português de Aguiar Luis Cristovao. (1999): Inquerito sobre a Natureza e as causas da Riqueza das Nações. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

SPENCE, A. M.; HAZARD, H. A.; KENNEDY, J. F. International competitiveness. **The International Executive**, v.30, n.1, p.32-34, 1988.

TABERNER, J. G. Measuring destination competitiveness: An exploratory study of the Canaries, mainland Spain, France, the Balearics and Italy. **Tourism Today**, n. 07, p. 61-78 2007.

VIANNA, S. L. G. **A Competitividade e a Qualidade de Vida na Destinação Turística: Análise quanto à sua correspondência**. Tese (Doutorado em Turismo), Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Balneário Camboriú, 2011.

WAHEEDUZZAN, A.; RYANS, J. Definition, perspectives, and understanding of international competitiveness: A quest for a common ground. **Competitiveness Review**, v.6, n.2, p.7-26, 1996.

WEF – World Economic Forum. **The Travel & Tourism Competitiveness Report 2007**. Disponível em: <<http://www.weforum.org/>>. Acesso em: 03 de maio de 2016.

WEF – World Economic Forum. **The Travel & Tourism Competitiveness Report 2013**. Disponível em: <<http://www.weforum.org/>>. Acesso em: 05 de maio de 2016.

WEF – World Economic Forum. **The Travel & Tourism Competitiveness Report 2015**. Disponível em: <<http://www.weforum.org/>>. Acesso em: 12 de maio de 2016.